



Rogério Sampaio, presidente da Cecrisa: nova linha será a última a ser implantada sem aumentar espaço físico da fábrica



Otmar Muller, diretor industrial da Eliane: automação e eficiência energética para aumentar a competitividade

Exportação baixa ao menor patamar

Fábricas brasileiras ganham em valor agregado, mas volumes registram queda acentuada

Por causa da valorização do real, apenas 8% da produção da Cecrisa é atualmente exportada a US\$ 9 o metro quadrado. “Há três anos, exportávamos 40% a US\$ 3. No fim, não ganhamos mas também não perdemos”, diz Rogério Sampaio, presidente da Cecrisa. Já na Eliane, a exportação representa 15% do total das vendas, mas já chegou a ser de 40%, segundo Márcio Muller, gerente de operações internacionais da companhia.

“Um dos motivos para essa mudança é a demanda aquecida no Brasil e a queda na construção civil nos mercados dos Estados Unidos e Europa, devido à crise econômica”, afirma o gerente de operações.

Outro dilema enfrentado pelas ceramistas é a importação brasileira de porcelanato polido chinês. Segundo Otmar Muller, diretor industrial da Eliane, o montante enviado pela China supera a produção nacional. “Não temos atrativos para investir, afinal, os custos de produção dos chineses são bem menores. A mão de obra

A forte importação de porcelanato chinês limita investimento das fabricantes no produto por falta de preços competitivos

deles é mais barata e eles contam com subsídio, o que acaba refletindo no preço final”, afirma Muller. “Nós produzimos 1,87 milhão de metros quadrados de porcelanato polido, mas faz anos que não aumentamos a produção.”

Sampaio acredita que há excessos no caso chinês. “Mas o Brasil não deve resolver essa atrapalhão com barreiras alfandegárias e, sim, melhorando as condições para as empresas competirem nacional e internacionalmente.”

De acordo com o executivo, o mau estado de conservação

das estradas brasileiras — que acaba por impactar o custo do frete —, a conta de energia cada vez mais cara e a questão cambial são os principais fatores que oneram os produtos brasileiros.

“Usamos energia elétrica e térmica e as duas estão muito caras. Por isso, não temos alternativa senão repassar esses custos para ao consumidor”, afirma Sampaio. “O modelo deveria ser repensado. Acho que o governo precisa investir mais em infraestrutura de qualidade e assim ampliar o apoio às empresas brasileiras.” ■ N.F.